

# Memória

## Depoimento da ganhadora do Prêmio Luiz Beltrão 2010, categoria maturidade acadêmica

Lucia Santaella (Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

**A**gradeço à Intercom pela outorga, à Globo Universidade pela promoção, agradeço especialmente àqueles que me indicaram e ao júri pela honra que me concedeu. Nada poderia ser mais gratificante, na maturidade de nossa vida acadêmica, do que o reconhecimento de nossos pares.

Vindo de uma instituição que, graças à fidelidade aos seus ideais, tem mantido por décadas a liderança na congregação dos estudiosos da Comunicação no país, um prêmio como este justifica as paixões intelectuais e profissionais a que procuramos dar corpo ao longo de nossa carreira e, sobretudo, um prêmio como este dignifica a nossa vida.

Embora sempre tenha certo escrúpulo em relação ao discurso da pessoalidade, no momento desta cerimônia, creio poder ceder a esse escrúpulo, pois agradecer, em uma ocasião como esta, implica buscar um mirante que nos forneça uma vista retrospectiva de nossa trajetória.

Há uma bela afirmação de Arthur Danto que diz o seguinte: “A história de vida de qualquer pessoa nunca é o simples desdobrar-se no curso do tempo de uma narrativa internamente programada, ainda que esta exhiba o que se pode chamar de estrutura episódica padrão”, como, por exemplo, “as sete idades do homem”, de Shakespeare. O que faz a biografia e a sua leitura valerem a pena são os acidentes, as intersecções e os entrecruzamentos de histórias causais, que projetam acontecimentos pouco previsíveis a partir de um encadeamento qualquer.

De fato, a psicanálise nos ensina que somos escolhidos muito mais do que escolhemos nossos caminhos. A geometria do nosso destino e dos nossos desejos, longe de ser feita de linhas retas, apresenta sinuosidades e meandros ditados por circunstâncias que se apresentam a nós, sem que as tenhamos deliberadamente buscado, e às quais procuramos responder da melhor forma possível.

Quando olho para trás, vejo que, embora essa geometria não-linear caiba ao traçado de minha biografia, há nele uma coluna dorsal à qual tenho permanecido obstinadamente fiel: a vida acadêmica. Não é à toa que, desde os dezessete anos até hoje, muitas décadas passadas, o ambiente universitário tem sido, sem desvios e sem tergiversações, meu local de formação e de trabalho por destino e opção. Nunca pude me conceber fazendo qualquer outra coisa com o mesmo senso de alegria e gratificação, não obstante, evidentemente, todos os dissabores e momentos de desalento que a academia também nos reserva. Posso afirmar, contudo, que, na balança, o prato das gratificações tem estado bem mais recheado do que o das decepções.

Na juventude, com pitadas de auto-ironia, costumava me apresentar como uma fêmea teórica. Ironias à parte, de fato, os conceitos e as teorias me apaixonam pelas portas que abrem para penetrarmos mais profundamente nos fenômenos cujo entendimento nos desafia. Tanto é que, no transcorrer do tempo, fui produzindo uma obra contextualizada e destinada aos ambientes universitários, livros e artigos marcados pelo registro de discurso que emerge das pesquisas que lhe servem de base.

Não é novidade para ninguém que cunhei os estudos da comunicação com o selo da semiótica. O caminho para isso não foi premeditado. O percurso de nossa vida intelectual guarda determinações de que, muitas vezes, somos mais pacientes do que agentes. Os ventos do pensamento sopram e nos levam junto, principalmente porque nossas escolhas são mais guiadas pelos pressentimentos e pela paixão que desenvolvemos por idéias que nos atraem, mesmo sem sabermos muito bem por que, do que por mensurações racionais. Aliás, carreiras, que são acolhidas pelo reconhecimento de seus pares, são as que se mantêm fiéis, honestas e sinceras aos seus ideais e não aquelas que saltam de cá

para lá ao sabor dos oportunismos, pois o tempo, que tudo julga, é o senhor da razão.

Minha graduação foi em letras e meu doutorado em teoria literária. Em 1976, tornei-me docente no mesmo programa de pós-graduação em que obtive meu doutorado, na PUC-SP, um programa que, dois anos depois, seria expandido da teoria da literatura para a comunicação e semiótica. Nesse ambiente, posso dizer que, a par da música, minha primeira formação, e das letras, fui desenvolvendo uma terceira formação em linguagens e artes visuais devido aos novos cursos intersemióticos que propunha e que me colocavam em contato e diálogo com jornalistas, artistas, vídeo-makers, fotógrafos, que começaram a frequentar o curso como alunos. Muitos deles tornaram-se meus orientandos, provavelmente atraídos por minha tendência a enfrentar desafios, navegar em céu aberto, uma tendência para a qual a semiótica sempre me deu respaldo. Aprendi muito com esses orientandos, cresci com eles. Um dos grandes orgulhos que tenho do meu currículo está nos nomes de comunicólogos, artistas, curadores e teóricos extraordinariamente talentosos cujas teses orientei. São pessoas que hoje ocupam posições de liderança no cenário da comunicação, artes, literatura e cultura no Brasil. Ter meu nome, de certa forma, ligado ao dessas pessoas, gratifica minha carreira.

Durante muito tempo, cultivei a crença equivocada de que as teorias semióticas sozinhas são capazes de dar boa conta dos estudos de comunicação. Há mais de uma década, tive discussões acaloradas com o saudoso Philadelpho Menezes que defendia posições contrárias a essa ideia. Depois de uma dessas discussões, para tirar a teima, resolvi pegar o touro a unha e me pus a estudar com afinco e certa exaustividade as variadas correntes das teorias da comunicação.

Rememorações são importantes para marcar os fios que atam os diferentes momentos de nossa produção. Nosso pensamento não segue trilhas deterministas sob o comando de uma vontade consciente. Impulsionado pelos ventos que sopram do real, o pensamento tem rédeas próprias e, muitas vezes, surpreende até mesmo quem o pensa. A surpresa advém do fato de que certas ordens vão se impondo por si mesmas, ideias mais férteis vão

persistindo, enquanto outras fenecem, em um movimento que só é perceptível sob um olhar que se debruça sobre o conjunto. As forças, que guiam esse movimento, brotam do confronto da reflexão com o retorno do real, devendo muito pouco a pressões burocráticas externas. Estas são sempre mais míopes do que a luz interior do entendimento resultante do trabalho paciente, sincero, solitário e taciturno do pensamento atento aos borbulhantes jogos de linguagem da cultura e às demandas daquilo que, na falta de um nome melhor, chamamos de realidade.

Foi assim que pude chegar à constatação de que, não obstante a relevância da semiótica, as facetas pelas quais a comunicação pode ser abordada são muitas, cada uma delas com sua própria sustentabilidade. Desde então, os laços que passei a estabelecer entre a comunicação e a semiótica são mais alertas e plurívocos.

Muito embora minha maior vocação seja a de pesquisadora, a atividade docente me fascina. Alunos me despertam, sobretudo, ternura. Vasculhando nos recantos da memória, acabei por me dar conta de que, não obstante a predileção pelas teorias, fui deixando selos pragmáticos, ao longo dos 43 anos de docência na PUC-SP, selos que se imprimiram prioritariamente no campo da comunicação. Fui membro participante na criação do curso de graduação em jornalismo no final dos anos 1970. No final dos anos 1980, liderei o grupo que desenvolveu o projeto de criação e implantação do curso de graduação em publicidade. Em 1998, liderei o grupo que desenvolveu o projeto pioneiro de criação e implantação do curso de graduação em Tecnologia e Mídias Digitais. Em 2002, dei início ao projeto, ora em curso, de um programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital.

Apesar de que minha maior fonte de prazer intelectual esteja na atividade de escrever, de tornar públicos os resultados das pesquisas que levo a cabo, acabei por desempenhar funções de administração, coordenando o programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP, durante 12 anos, de 1987 a 1999. Desde 2006, coordeno o programa de pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital.

Além disso, uma atração natural por pesquisas coletivas, levou-me a dirigir uma série de projetos de grande porte. Para isso,

era necessário propor a agências financiadoras a coordenação de projetos coletivos de pesquisa. Provavelmente sob influência de minha formação tutelada pelos poetas concretos, desenvolvi desde cedo uma forte atração pelas relações das linguagens literárias e artísticas com as tecnologias e os meios de comunicação. Escrito em 1987 e aprovado pela Finep, no final de 1988, o projeto “Imagens Técnicas: do mundo industrial-mecânico ao eletrônico-pós-industrial” foi pioneiro na criação do primeiro laboratório de computação gráfica em universidades brasileiras. Logo a seguir, o projeto temático de grande porte, que também coordenei, sobre “O Advento de Novas Tecnologias e Novas Gramáticas da Sonoridade”, financiado pela Fapesp, de 1992 a 1995, trouxe para o programa da PUC-SP o que foi, na época, o mais bem equipado laboratório de música eletroacústica da América Latina, atraindo para lá os músicos que estavam compondo e pesquisando na vanguarda da música erudita. Algum tempo depois, o projeto de pesquisa coletivo, modalidade multiusuários, “Produção e Difusão da Pesquisa Científica na Era Digital”, também financiado pela FAPESP, 1999-2002, trouxe para um dos prédios da PUC uma avançada infraestrutura de redes. Disso se originou o Centro de Investigação em Mídias Digitais, até hoje sob minha coordenação, o que me pôs em estreito intercâmbio com jovens pesquisadores de cibercultura e artistas pioneiros nas artes das redes. De 2000 a 2003, coordenei o lado brasileiro do projeto Probral, Brasil-Alemanha (Capes-DAAD) sobre palavra e imagem nas mídias. Uma parte desse projeto foi dedicada à criação em linguagem hipermídia. Desde então, meus trabalhos no campo da comunicação têm se especializado nas mídias digitais, segmento que me atrai porque permite que para ele confluam todos os fios dos interesses que têm ocupado minha vida: a comunicação, a semiótica, as artes, a literatura e, sobretudo, a necessidade de dirigir a reflexão para os desafios do novo, daquilo que ainda não se sedimentou porque ainda pulsa em estado nascente.

Enfim, não estou anunciando esses feitos como meio para ocultar as falhas e os erros que inevitavelmente nos acompanham. Somos seres que falham e, justo porque falhamos, devemos persistir na busca de autocorreção e de autoaperfeiçoamento, uma teimosia sem a qual nossa existência pensante pouco valeria a pena.

Menciono aqui esses feitos com o intuito de transmitir, particularmente aos jovens, a certeza de que nossos esforços, suores e lágrimas são recompensados.

Temos de cultivar a coragem moral para sustentar essa crença. Quando alimentada pela sinceridade de propósitos não egoístas, quando guiada pelo sonho de fazer crescer a razoabilidade concreta e criativa do mundo, nossa luta, mesmo quando modesta, é reconhecida. Prova disso é o prêmio Luiz Beltrão! Obrigada.